

APRESENTAÇÃO

A APROPRIAÇÃO DA REALIDADE E O DESAFIO DA SOLIDARIEDADE: A CATÁSTROFE CLIMÁTICA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Existe um conjunto de representações do mundo, do Estado, da sociedade, dos indivíduos, das relações sociais, da economia e da religião. Atualmente, esse conjunto de significados, grosso modo, é impactado pelos meandros daquilo que se convencionou chamar de “neoliberalismo”. Trata-se de um imaginário consolidado pelas ideais da meritocracia que faz com que os indivíduos se entendam como parte de uma engrenagem em busca de dividendos. Reforça-se um modo de pensar e atuar a partir de categorias como “interesse”, “lucro”, “concorrência”.

O imaginário e o simbólico formam realidades. Se percebo uma determinada situação é porque um conjunto de imagens passa a produzir um mínimo sentido a partir da linguagem e seus limites. Todavia, esta relação entre o imaginário e o simbólico na construção da realidade é sempre dinâmica e sujeita a muitas variações. O empobrecimento da linguagem e a busca pela satisfação dos interesses pessoais, são sintomas desse processo de desaparecimento de valores e do enfraquecimento dos limites éticos nas ações do cotidiano.

No imaginário neoliberal, a verdade, o belo e o justo, tendem a ser abandonados em razão da ilusão criada pela promessa do consumo e da acumulação como sinônimos da realização plena. Isso leva ao enfraquecimento de certos princípios e, em consequência, da própria ética de uma forma ampla. Por isso, não é um acaso que estejamos vivendo tempos nos quais a própria razão de existir, em alguns momentos, tem mais a ver com o que se pode ter do que aquilo que se consegue sentir.

Trata-se de um entendimento que leva à neutralização do imperativo de pensar de maneira crítica. O que se dá, por exemplo, através tanto da promessa de uma simplificação do mundo quanto das falsificações da história. A pouca capacidade de discernimento das imagens da “política”, do “comum” e do “espaço público” ligam-se a essa tentativa de construir uma ideia de que o pensamento é quase desnecessário e a capacidade de reflexão cada vez menor.¹

Por evidente, a relativização dos valores acerca da “justiça” e a “coisificação” da vida, são imagens típicas dos nossos dias e repercutem sobre as escolhas. As decisões partem das imagens que temos sobre nosso lugar na sociedade, como vemos as coisas e de que maneira compreendemos as pessoas com as quais convivemos. Existem imagens que naturalizam os processos de dominação. Há imagens que podem manipular vontades e até naturalizar diferentes formas de opressão. Em nome da pretensa liberdade, portanto, pode-se, inclusive, construir uma lógica para aprisionar corpos e mentes.

O sociólogo alemão, Ulrich Beck, soube descortinar um conceito emblemático – a sociedade de risco.² Ele refere-se a uma característica distintiva das sociedades modernas, nas quais a produção de riquezas é acompanhada pela geração de riscos que transcendem fronteiras geográficas ou sociais. Os riscos, na maioria das vezes, não poderiam ser previstos ou controlados

¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação*. São Paulo: UNESP, 2000.

² BECK, Ulrich. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Editora 34, 2011.

de forma efetiva pelas instituições. Beck sugere que a modernização provocou uma transformação na forma como os riscos são percebidos e administrados, resultando em uma sociedade que se encontra às voltas, o tempo todo, com as consequências do seu próprio progresso.

Os riscos ambientais exemplificados pelas catástrofes exacerbadas pelas mudanças climáticas, acidentes nucleares, crises financeiras, pandemias e guerras, ilustram como as ameaças modernas são difusas e interconectadas. Elas desafiam as estruturas estabelecidas pelas governanças, exigindo novas formas de cooperação. A permanente sensação dos riscos transforma as relações humanas, levando a um estado de constante incerteza, obrigando as pessoas a repensarem prioridades e modos de vida. A ideia de segurança se torna fluida e o gerenciamento dos riscos passa a ser uma tarefa primordial das agendas sociais e políticas.

Ulrich Beck reforça que nas sociedades de risco, a confiança no governo e na ciência costuma diminuir na mesma proporção em que estas instituições falham em prever ou mitigar riscos. A sociedade vai se tornando mais crítica em relação às informações, ainda que estas afetem as suas vidas. A perda de confiança nas instituições vai abalando, por extensão, a ordem democrática e produzindo a desestabilização, abrindo espaço para soluções simplistas.

Neste sentido, em um ambiente de catástrofe climática como a que atingiu o extremo sul do Brasil, pode ocorrer uma percepção de que não há autoridade, nem regras claras, nem normas sociais compartilhadas. O resultado é um sentimento de desorientação e desconfiança generalizadas. Eventos assim colocam em evidência as facetas de um sistema que busca prioritariamente garantir vantagens. Por isso, assimilamos eticamente com bastante passividade o fato de que ganhos econômicos, mesmo que causem mal a uma significativa parcela da sociedade, são admissíveis e até justificáveis. Trata-se de um histórico favorecimento de interesses pessoais em detrimento dos interesses coletivos.

As mudanças na legislação ambiental, a invasão dos territórios comunitários e indígenas, a derrubada das florestas para expansão da criação de gado, o cultivo em larga escala de soja, milho e eucalipto, formam o pano de fundo para aquilo que hoje acontece no Estado do Rio Grande do Sul. O resultado é a perda de vidas, a devastação de lavouras, a destruição de casas, de bens domésticos, além do imenso impacto na saúde psíquica e emocional de milhares de famílias.³

Junto com a solidariedade, vem acontecendo denúncias de ações oportunistas por parte das facções criminosas com ocorrências direcionadas para o roubo de residências abandonadas, assim como de lojas, mercados e escolas, tanto em cidades do interior como na região metropolitana da grande Porto Alegre. Também houve casos de assédio e abuso sexual em abrigos contra mulheres e crianças.

São louváveis todas as manifestações de solidariedade, todavia, elas não deveriam ser apenas uma expressão do momento. É primordial atentar para as análises feitas que nos dizem que estes fenômenos vão se repetir, cada vez mais, com maior intensidade, à medida que a temperatura global subir, se não atuarmos decididamente nas causas dos problemas socioambientais. Infelizmente as piores consequências sempre haverão de recair na conta das populações mais vulneráveis.

³ GIRARDI, Giovana. Não Foi por Falta de Aviso. Disponível em: <https://apublica.org/2024/05/tragedia-do-rio-grande-do-sul-era-mais-do-que-anunciada-mas-alerta-foi-ignorado/>. Acesso em: 25 mar. 2024.

O Rio Grande do Sul é neste momento um laboratório dos caminhos possíveis para o enfrentamento de tragédias climáticas. O desafio é garantir que tenhamos espaços de abrigo seguros para as famílias e acesso aos meios para manter as fontes de trabalho e renda. É imperativo também que nossas instituições educacionais tenham a oportunidade de delinear caminhos de reflexão crítica e criativa acerca das aglomerações urbanas para que estas não se sobreponham aos sonhos de centenas de milhares de famílias.

É de se esperar que a noção de desenvolvimento sustentável deixe de ser uma expressão vazia, utilizada apenas como adorno de alguns programas ou como retórica formalizada em certos discursos e passe a ser incorporada nos projetos elaborados e executados pelas instituições governamentais e privadas que, em geral, vem ignorando o impacto de suas ações produtivas. O desenvolvimento sustentável não se confunde com a noção de crescimento econômico sem parâmetros éticos, pois envolve, necessariamente, o combate às desigualdades sociais e o respeito à diversidade humana.

A Faculdade EST cumpre a sua missão essencial ao acolher e acompanhar de forma solidária pessoas atingidas pela catástrofe ambiental. O compromisso da instituição se orienta pela mobilização, pela resiliência, sabedoria e cooperação, diante de uma tragédia sem precedentes. Que as reflexões desta edição de Protestantismo em Revista auxiliem a descortinar horizontes de diálogo, ampliando o conhecimento, valorizando aquilo que produz o bem comum, a justiça e a paz. Agradecemos a inestimável contribuição de tantas pessoas autoras que se dispuseram a compartilhar suas análises conosco.

Fraternalmente,
Prof. Dr. Celso Gabatz
Pelo Conselho Editorial

REFERÊNCIAS

BECK, Ulrich. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Editora 34, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação*. São Paulo: UNESP, 2000.

GIRARDI, Giovana. *Não Foi por Falta de Aviso*. Disponível em: <https://apublica.org/2024/05/tragedia-do-rio-grande-do-sul-era-mais-do-que-anunciada-mas-alerta-foi-ignorado/>. Acesso em: 25 mar. 2024.